

Homenagem Especial a Dominginhos pela Diretoria da Adepes, Cantor e compositor que levou voz a um povo sofrido

Todos nós nos deparamos, ao entrar na fase adulta, com uma grande dificuldade em aceitar que existem pessoas que possuem uma originalidade e que, talvez, nós mesmos, mesmo que tenhamos 'sucesso', não possuímos originalidade ou habilidade suficiente de transformar a realidade que nos ronda e abomina, seja optando por uma postura ativa de remodelagem das orientações políticas e morais, seja através de simples e intrincadas melodias que, pela sonoridade, trazem nas palavras cantadas a luta, miséria e exclusão de um povo.

Pessoas que não possuem talento e originalidade buscam conseguir estas virtudes através da monetarização do justo e dos valores e, para tanto, lançam-se à escala mais baixa de sua dignidade. Por outro lado, existem pessoas que não se submetem a cifrões e são capazes de subverter os valores impostos e conseguem, através de sentidos próprios, dar vida e transformar em belo situações de lutas e distorções.

Quem de nós nunca dançou e sentiu o cheiro do perfume de uma mulher ao som das músicas e composições de Dominginhos que, ao mesmo tempo em que retratam o amor, descrevem as inquietações de um povo relegado a miséria.

Muito influenciado pelas composições do Reio do Baião Luiz Gonzaga, Dominginhos trilhou o caminho do sucesso, apesar de nenhuma escolaridade, tendo deixado um repertório de variadas canções, repassando para gerações de futuros jovens composições importantes como pau de arara, lamento sertanejo, a sede do rio a fome do pão, dentre outras.

Sem negar suas origens, em 1993 criou o Projeto Asa Branca, com patrocínio da Caixa Econômica Federal, com objetivo de direcionar vários shows de música popular para as praças públicas dos Estados brasileiros, valendo lembrar que o artista esteve pela última vez no Estado do Espírito Santo em julho de 2012 no festival de Inverno de Domingos Martins, também em praça pública.

Suas músicas foram diretamente influenciadas pela vida difícil e, tal como Luiz Gonzaga, sempre nos relembram que pessoas pobres não possuem uma vida biográfica, isto é, nascem, passam a infância e a juventude, casam-se, geram filhos, envelhecem e morrem. Na verdade descortinam uma outra realidade e revelam que estas pessoas sofrem crises, fraturas, catástrofes humanas e são rotineiramente submetidas a trabalho degradante e informal, para além de serem sempre utilizadas como objeto de manobra política. É o aproveitamento da miséria do povo para interesses próprios que entravam o desenvolvimento desta Nação.

É dentro desta perspectiva que vale a pena rememorar a todos os Defensores Públicos do Brasil que a nossa função e justamente atacar de frente esta desigualdade e também ajudar a trazer voz a um povo que, hoje, somente são lembrados através das músicas que choram seu sofrimento, como tantas vezes o fez Dominginhos e sua sanfona.

A sua perda representa a perda de uma voz e de um parceiro oculto da Defensoria Pública em um país em que são necessárias muitas vozes para mudar a realidade. Estas são as nossas homenagens a este gigante nascido em Garanhuns no sertão de Pernambucano e, como todos os que possuem origem

pobre, deu início a sua carreira aos 08 anos de idade e hoje não consegue mais expressar suas emoções e nos cantar a sua história de vida e luta.

Diretor Secretário da ADEPES Phelipe França Vieira.